



## **Jovens, produtores rurais e artesanais, atores anônimos de uma comunidade rural.<sup>1</sup>**

Auta Luciana Laurentino<sup>2</sup>

Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida<sup>3</sup>  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

Trazemos um estudo sobre as novas ruralidades, em que apresentamos a produção artesanal como uma das ocupações existentes nos espaços rurais, que está tornando possível a dinamização das famílias nas suas comunidades, mas que não assegura a permanência dos seus jovens nestes espaços. Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte/ PE, é o *locus* da pesquisa. O referencial teórico privilegia as categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, além de cotidiano e imaginário. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que coletamos os dados através de entrevista semi-estruturada. Como resultado, a pesquisa desvela a necessidade de mais investimentos em políticas públicas voltadas à realidade do espaço rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** extensão rural; desenvolvimento local; cotidiano; êxodo rural; artesanato.

Este artigo traz parte da nossa pesquisa de mestrado, intitulada A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão, Pernambuco, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, sob a orientação da Professora Dra. Maria das Graças Ataíde de Almeida.

Tem como enfoque um estudo sobre as novas ruralidades, em que apresentamos a produção artesanal como uma das ocupações existentes nos espaços rurais, realizada em Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, distante em 149 km de Recife. Configura-se a partir de um grupo que produz artesanato com a técnica da rede de pesca, atividade não-agrícola, com o objetivo de gerar renda para as famílias e assim promover a dinamização e a manutenção das pessoas em seu lugar de origem. O nosso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX / UFRPE. E-mail: [autall@yahoo.com.br](mailto:autall@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Pós-doutora pela Universidade de Coimbra-PT e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: [ataide@hotmail.com.br](mailto:ataide@hotmail.com.br)



objetivo foi analisar o projeto de *Design e artesanato* implementado nesta comunidade na perspectiva do desenvolvimento local<sup>4</sup>.

O referencial teórico privilegia as categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, cotidiano e imaginário. Trazemos os conceitos de Del Grossi e Graziano da Silva (2002), Markus Brose (2004) e José Marcos Froehlich (2002) na perspectiva das novas ruralidades e as suas consequências, Callou (2007) e Tauk Santos (2000/ 2002/ 2008) sob o âmbito do desenvolvimento local. Pierre Bourdieu (1989/ 1998/ 1996), enquanto teoria voltada ao capital social. Na categoria do cotidiano trazemos as teorias de Michel de Certeau (2008/ 2009) e Almeida (1999/ 2000).

A metodologia aplicada tem, num primeiro momento, a realização de uma análise dos conceitos teóricos das categorias que dão aporte à pesquisa empírica. Nessa conjuntura, trazemos uma pesquisa qualitativa, traduzida na percepção e nas representações de um grupo, uma vez que não podemos reduzi-la à execução de números e variáveis, como apresenta Minayo (1996) ao considerar os aspectos subjetivos numa pesquisa e trazê-los como “impossíveis de serem sistematizados em dados estatísticos” (Idem, p. 11).

A pesquisa de campo tem como *lócus* a comunidade de Barra do Riachão, onde coletamos os dados através de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram aplicadas a moradores e artesãos da comunidade, por meio de um contato direto, que possibilitou a compreensão das falas de forma espontânea, para a realização das análises.

Entre os sujeitos eleitos nesta pesquisa, num universo de jovens e adultos, destacamos duas pessoas com idade superior a sessenta anos, Dona Rosa e Dona Amara, moradoras há mais tempo em Barra do Riachão, para podermos colher um olhar mais antigo sobre a produção artesanal na comunidade. Essa escolha justifica-se pelas experiências e lembranças que essas pessoas puderam trazer, e, assim, contribuíram de forma relevante para a fundamentação da nossa pesquisa. Nesta ótica, para Bosi (1994) as “memórias de velhos” se ocupam de forma consciente e atentamente do seu passado, da importância da sua vida e, assim, suas lembranças tornam-se “uma espécie singular

---

<sup>4</sup> Esta ação atende a um grupo de artesãos de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, e envolve programas de instituições governamentais como a Universidade Federal de Pernambuco através do Programa Conexões dos Saberes e do NUSP - Núcleo de Saúde Pública, além da Prefeitura desta cidade. Este projeto de intervenção, do qual participei como voluntária, tem seu embrião desde julho de 2007, sendo agora trazido como trabalho de pesquisa ao PPG - Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (Idem, p. 63).

A análise dos achados da pesquisa fora realizada com o aporte teórico metodológico da Análise de Discurso (AD), para a desconstrução da produção de discurso que compõe as entrevistas, à luz das categorias eleitas nesta pesquisa. Na perspectiva da AD, o discurso é desconstruído, interpretado, organizado a partir da construção de sentidos, possibilitando a indicação de categorias e linearidades que proporcionam a compreensão das relações de sentido, na produção do discurso em seu contexto. A Análise de Discurso, segundo Orlandi (2005), considera que a linguagem não é transparente e, desse modo, ela não procura desvendar o texto para encontrar um sentido puro e original do outro lado. Portanto:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive (...) o discurso é esse lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/ para os sujeitos. (ORLANDI, 2005, p. 17)

A comunidade possui uma Associação<sup>5</sup> que recebeu da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, em 2007, um projeto de intervenção de *Design*. Este projeto estimulou o surgimento de novos produtos artesanais, e possibilitou a divulgação do grupo em outras cidades, através da participação em eventos e feiras.

Dessa forma, acerca das ocupações, buscamos suporte nas teorias sobre novas ruralidades abordadas por Del Grossi e Silva (2002), essencialmente no texto *O Novo Rural: uma abordagem ilustrada*, em que os autores trabalham os processos de transformações que ocorreram no meio rural brasileiro, a partir dos anos 80, denominado de “Novo Rural”. São atividades voltadas para o setor econômico, algumas delas seculares e antes pouco valorizadas, que integram os três grandes grupos desta produção, em que temos: uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não-agrícolas e um conjunto de novas atividades agropecuárias. Essas atividades estão fortalecendo o meio rural, através das novas ocupações e novas atividades agrícolas e não-agrícolas, as quais geram emprego e renda, tornando o espaço rural um espaço que rechaça o êxodo para a cidade. Tais atividades levam as famílias que trabalham com atividades agrícolas para as pluriativas,

---

<sup>5</sup> Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente.



e depois para as não-agrícolas, revelando a importância das fontes de rendas não-agrícolas no espaço rural.

Brose (2004) contribui com esta discussão quando afirma que, no Brasil, cerca de um terço da população nacional, 81% dos municípios, são essencialmente rurais. Com isso, temos uma das maiores populações rurais do mundo. No entanto, esta mesma população não tem acesso a terra e à educação pública. Nesta análise, enfatiza que o meio rural não é apenas agrícola. Este autor acentua a inoperância do paradigma de desenvolvimento rural, o qual tem seus cânones a produção voltada para o setor agrícola, em que não se vê a obtenção de resultados que promovam a melhoria na qualidade de vida destas populações, e que, inclusive, não reduziu a pobreza.

Em Barra do Riachão, a aproximação com o grupo de artesãos vem promovendo transformações na arte de fazer peças artesanais, com o ponto de rede de pesca. Além das inovações nos produtos, pois a produção foi ampliada para peças utilitárias e decorativas (como capa para almofada, jogo-americano, toalha de mesa, cortina, tapete), além de acessórios de moda (como bolsas, colares, boleros, blusas, faixas e tiaras), contamos com a iniciação de pessoas jovens no artesanato, em sua maioria mulheres. As vendas desses produtos começaram a ser realizadas fora da comunidade, com uma abrangência maior nas cidades vizinhas e na Capital do Estado. Apesar dessa frequência ainda ser pequena, o que corresponde apenas à participação em eventos e feiras culturais, já representa ganhos para o grupo envolvido, pois antes eram produzidas apenas redes de pesca e vendidas em Agrestina ou Caruaru, que são cidades vizinhas a esta comunidade.

Os resultados para a produção artesanal, após a intervenção de design, começam a aparecer. O grupo, hoje denominado Arte Calango, participou da X e da XI FENEARTE, realizada no mês de julho de 2009 e 2010, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda, e desempenhou uma venda significativa para os artesãos. Apesar do resultado nesta feira e em outros eventos, essa dinâmica de produção, focada apenas em eventos pontuais, é em alguns casos, desestimulante, pois as necessidades financeiras diárias fazem com que as artesãs, por exemplo, busquem ganhar dinheiro com outras atividades, como a coleta de produtos para reciclagem, a produção e venda de comidas como a tapioca, a costura e o plantio, entre outras atividades presentes no cotidiano destas mulheres.

Cabe trazer para a nossa discussão a teoria sobre o lugar em que elas estão, o lugar onde residem e vivem, ou seja, o *locus*. Para Michel de Certeau (2009) existe uma



distinção entre lugar e espaço<sup>6</sup>, e esta distinção nos ajuda a entender que o lugar autoriza a distribuição dos “elementos nas relações de coexistência”, e assim “os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define” (Idem, p. 184, grifo do autor). O lugar é uma ordem que sugere um indício de estabilidade. Já o espaço faz referência às práticas vivenciadas no lugar, ou seja, “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2009, p. 184).

Contextualizar a comunidade de Barra do Riachão só foi possível a partir do momento em que conhecemos alguns atores sociais que a integram. A etapa da realização das entrevistas, nos possibilitou o acesso a informações que tornaram possível a concepção do desenho deste lugar. Os sujeitos como atores, não passivos, nos revelaram, a partir das suas crenças, idealizações, identidades e desejos, o significado do seu lugar. São indivíduos inseridos num espaço rural, fato que não os distancia do modelo de produção e consumo em que vivemos, da necessidade por emprego, por reconhecimento e valorização, como também da necessidade de desenvolvimento da sua comunidade. Dos nossos entrevistados podemos dizer que alguns são bem atuantes, e outros bem apáticos, quando se trata de buscar os seus direitos individuais e coletivos da comunidade. Neste sentido, o conceito de sujeito é muito bem delineado por Wieviorka (2006), em sua obra *Em que mundo viveremos? O qual* expressa que ser sujeito

é a capacidade de colocar em relação os dois registros que na existência de uma pessoa são-lhe dados como distintos e que, se não, correm o risco de uma dissociação total: por um lado, sua participação ao consumo, ao mercado, ao emprego como atividade remuneradora, o acesso à razão instrumental, a pertinência a um mundo “objetivo”, e de outro lado, sua ou suas identidades culturais, o acesso ao trabalho como atividade criadora, sua religião, sua memória, sua vivência, suas crenças, sua subjetividade é também a possibilidade de escolher participar. Consumir, de ser um indivíduo racional e ao mesmo tempo optar por sua identidade, sua comunidade, sua memória, de fazer essas escolhas. (WIEVIORKA, 2006, p. 51, grifo do autor)

Veremos algumas situações narradas pelos entrevistados, em que os sujeitos são reconhecidos e se reconhecem no dia-a-dia da comunidade. As escolhas em relação a mudar de cidade, o desemprego relacionado à ociosidade, o artesanato como uma possibilidade, são algumas das experiências descritas.

---

<sup>6</sup> Em sua obra *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.



As entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade de Barra do Riachão nos mostraram, dentre outras informações, a importância do rio Una na vida do lugar, o cultivo na agricultura, a religiosidade, o lazer, a arte, a educação, a saúde, o trabalho, entre outros aspectos. Abriu a discussão para a questão do êxodo rural, da ocupação dos jovens e para a falta de políticas públicas apropriadas para o rural, mais especificamente para o espaço, no sentido de lugar, dado por Certeau (2009).

A ligação do artesanato com o rio vem através da tradição artesanal da rede de pesca, artefato produzido pela comunidade, para a pescaria de subsistência. Da mesma forma, o lazer está relacionado à pesca e ao banho de rio, principalmente nos fins de semana.

Uma das artesãs, Cícera<sup>7</sup>, nos fala da sua preferência pela pesca, atividade ligada ao rio, e o que faz quando cansa de executar o seu artesanato:

Quando não estou com vontade de fazer isso aqui, eu paro e fico mais na beira do rio pescando, adoro pescar. É o mais que eu faço, adoro pescar. E, às vezes, assim, final de semana, como sempre aparecem as colegas, a gente sempre toma uma cervejinha, né? De vez em quando. É só, é isso que a gente faz. (Cícera)

A pesca como lazer está presente também na fala de Marizete<sup>8</sup>, artesã experiente, que nos indica as suas preferências e atividades do fim de semana:

Fim de semana. Eu como não costumo beber muito fim de semana, se tem festa eu vou, se não tem, sabe o que eu estou fazendo ultimamente? Meus irmãos chegaram de São Paulo, aí nós pega o anzol e vamos pescar. Passa o sábado todinho pescando, e depois come, minha irmã que adora peixe. E, jogo também, fico jogando baralho, jogando o jogo que os meninos aprenderam agora, chamado uno, às vezes também vou reunir meu grupo de escola pra fazer trabalho. Fim de semana é bem agitado. (Marizete)

No fim de semana o rio é espaço privilegiado de alguns moradores. É o que o lugar oferece aos seus residentes, e a atividade da pesca pode proporcionar um momento em família. Certeau (2008) explana sobre o fim de semana, afirmando ser o sábado e o domingo dias em que o indivíduo aproveita para se dedicar ao lazer individual e, tradicionalmente aos domingos, às atividades que envolvem seus familiares.

Na comunidade as casas são construídas umas de frente para as outras, como uma boa parte das cidades e lugares do interior, que têm um rio na sua geografia. Nesse

---

<sup>7</sup> Cíca, como é conhecida, tem 32 anos, casada, mãe de quatro filhos, dona de casa, integra o grupo de artesanato da comunidade. É natural de Maraiial e aprendeu o ponto de rede depois que chegou a Barra do Riachão.

<sup>8</sup> Marizete tem 43 anos, casada, mãe quatro filhos, integra o grupo de artesanato, está concluindo o ensino médio, é também auxiliar de enfermagem no PSF e pretende estudar enfermagem. Aprendeu a fazer a rede de pesca com a família, mãe, tia e avó, ainda quando tinha cinco anos de idade.



formato, as construções ribeirinhas dão as costas para o rio, que se torna o quintal delas. Há apenas três anos que a comunidade de Barra do Riachão tem água encanada. O abastecimento de água era feito através de carros pipa, pois a água do rio não era, e ainda não é, apropriada para o consumo da população. Também há pouco tempo que as pessoas começaram a mudar a postura em relação ao rio, e incentivaram a sua não poluição. Segundo Marinalva<sup>9</sup>, a luta da comunidade, principalmente das mulheres, pelo direito ao abastecimento d'água foi frequente.

A partir da apresentação desses problemas, que envolvem necessidades básicas para a promoção da qualidade de vida dos moradores, vimos o quanto à comunidade necessita de investimento nas mais variadas áreas. Contudo, saúde, saneamento e educação, parecem-nos as mais urgentes. Neste cenário, as lideranças do local têm consciência de que os projetos de intervenção, que chegam à comunidade, podem contribuir para esta promoção; no entanto, como a maioria das ações é executada de forma pontual, essa promoção fica comprometida.

Além dessas necessidades, vimos que um dos pontos mais preocupantes para a comunidade, especificamente para as mães, está relacionado à ocupação dos jovens, ou melhor, a falta de ocupação destes, à deficiência de oportunidades de crescimento intelectual e profissional. No discurso da maioria das mulheres que são mães, a preocupação é com o futuro dos seus filhos. Todas reclamam da falta de chance e de emprego na comunidade e na própria São Joaquim do Monte. Essa carência está levando os jovens ao processo de imigração. Presenciamos a angústia das mães que não podem impedir que seus filhos busquem trabalhar e estudar em outras cidades ou regiões do país.

Marinalva não nos escondeu suas preocupações e mostrou um grande desestímulo, pois ela é uma das mulheres que mais trabalha para que o artesanato da comunidade ganhe um novo formato, como também mercado. Conseguiu envolver muitas jovens dos sítios vizinhos, como forma de gerar oportunidade e renda para as pessoas do lugar. Contudo, ela sabe que esta ação ainda é muito pouco para estimular mudanças significativas, já que as áreas de carências são imensas:

O que é que adianta eu me preocupar hoje só com esse grupo Arte Calango, só com esse grupo desse tamanhinho vai resolver o problema? A gente vai ter o dinheirinho no bolso, pra quê? Pra depois

---

<sup>9</sup> Marinalva tem 50 anos de idade, é mãe de quatro filhos (Andréia, Arlane, Alice e André), é presidente da Associação e integra o grupo de artesanato da comunidade. Ela falou sobre a imigração, a pobreza, o problema das drogas, a falta de emprego, como também da falta de recursos e apoio da prefeitura.

o povo daqui mesmo vir e roubar? Se a gente não perceber é assim que acontece, de lugares quando começa, essa pobreza continua hoje, naquele tempo morria pobre, as comunidades morriam mesmo de fome, morriam de fome e hoje é diferente, hoje vira favela, hoje vira favela!!! Não dá outra coisa, vira favela!! Então a gente está assim... é com um pé no chão e outro na cova.(Marinalva)

No que diz respeito à imigração, uma fala muito marcante foi a do senhor Getúlio<sup>10</sup>. Este entrevistado é tio de Alice, que acabara de decidir ir para São Paulo. Ele tem uma ideia muito clara sobre a ilusão de buscar em grandes capitais a realização profissional, pessoal. Acha que é um engano, mas concorda que a escassez de emprego na comunidade é um fato muito relevante:

Então, é como diz a história, aqui tem muitos jovens, aqui que nem a gente ver que uma hora dessas está tudo parado aí, sentado nas calçadas, estão nas mesas de sinuca, jogando sinuca, jogando dominó, nas calçadas, batendo, soltando charada um pro outro, porque não tem um trabalho pra fazer, não tem um compromisso, uma obrigação, a fazer, porque aquele que tem um empreguinto, está no seu trabalho, cumprindo com os seus dever, não é?! **O que não tem fica aí com a cara de otário só batendo papo e esperando, é como se diz, comer o que tem, esperar o que vem pra comer amanhã ou depois.** (Getúlio, grifo nosso)

Grifamos esta parte do discurso do senhor Getúlio para materializar as ideias de Wieviorka (2006), quando traz o sujeito como negado, subtraído, privado de autonomia, por assim dizer, quando este não se enquadra nos modelos ditados pela sociedade, o modelo do consumo. Reconhecendo que o indivíduo tem as suas próprias convicções e valores, a sua liberdade pessoal, este autor afirma que “não pode haver o sujeito pessoal sem o reconhecimento do sujeito no Outro” (Idem, p. 51). A fala citada acima exemplifica este reconhecimento do outro que, mesmo ciente da escassez de emprego, deprecia as ações dos seus vizinhos.

Conversamos também com Dona Rosa<sup>11</sup>, comerciante da comunidade, e ela também nos falou da sua preocupação diante da saída dos jovens para outros municípios:

É... O povo, não veio mais ninguém, o povo, a metade foram se embora pra São Paulo, outros se mudaram pra Agrestina, outros pra

---

<sup>10</sup> Senhor Getúlio tem 44 anos, casado, pai de três filhos, aposentado [por invalidez, pois tem uma deficiência física], integra o grupo de artesanato da comunidade, no qual produz bolsas de palha do milho. Ele apresenta uma opinião clara sobre a questão da imigração do nordestino para o sudeste, principalmente quando se fala da cidade de São Paulo. Preocupa-se também com o fim da agricultura familiar por falta do acesso a terra e de incentivos.

<sup>11</sup> Dona Rosa tem 73 anos de idade, é mãe de Edileuza, tem três netos, é aposentada, não integra o grupo de artesanato da comunidade, possui um ponto comercial e fornece almoço. Ela estava com dengue quando nos cedeu esta entrevista.





Caruaru, e assim, a rapaziada tão tudo trabalhando em Caruaru, aí o lugar fica esquisito, né?! Sem gente. (Dona Rosa)

No que se refere ao debate teórico sobre juventude e juventude rural, trazemos as observações de Castro (2005), que aborda os paradigmas relacionados à juventude numa transição da infância à vida adulta, em detrimento da análise da categoria como ator social e da construção de identidades sociais.

Também nos reportamos a Abramovay (1998), através da sua abordagem sobre as mudanças ocorridas nos processos de sucessão, em regiões de predomínio da agricultura familiar do sul do Brasil, em que procura sugerir a inserção de políticas que possibilitem a ampliação e as oportunidades de realização profissional dos jovens no mundo rural, de forma que venha a contribuir para o estímulo ao desenvolvimento no campo. Afirma, em seu trabalho, que um dos passos mais importantes neste sentido é a valorização de atividades rurais não-agrícolas, principalmente para que as jovens mulheres rurais passem a ter interesse pela vida no campo, libertando-as, dessa forma, da necessidade de praticar a atividade agrícola, pois em sua pesquisa pôde observar que:

As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este “viés de gênero” no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores. (ABRAMOVAY, 1998, p. 16)

Dentre as várias pesquisas e estudos realizados sobre os jovens rurais, destacamos a pesquisa realizada no Estado de Pernambuco, por Wanderley (2007), em que contou com a participação de 615 jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, moradores das zonas rurais de Glória do Goitá (Zona da Mata Norte), Orobó (Agreste Setentrional) e Ibimirim (Sertão do Moxotó). Esta pesquisa apresenta os desejos dos jovens em relação ao futuro, no que diz respeito ao lugar onde gostariam de morar, e a profissão que gostariam de desempenhar. Várias informações importantes emergem nesta pesquisa, uma delas explica que, mesmo com todos os problemas e limitações no campo, a vida no espaço rural é, de forma positiva, valorizada por uma boa parcela de jovens. Proporciona, também, muito dos fatores que levam os jovens a escolherem o local para viver, e revela:

Os aspectos positivos aventados dizem respeito às raízes pessoais, aos laços familiares e de amizade, à proximidade da natureza e à qualidade da vida no campo. [...] Os aspectos negativos, que justificam a recusa de muitos outros a permanecer no meio rural apontam, sobretudo, para as carências da vida local e, de modo



especial, a falta de alternativas profissionais, que garantem, no local, oportunidades de emprego e renda, na agricultura ou fora dela. [...] Porém, as atividades não-agrícolas, fora do estabelecimento familiar, que foram indicadas na pesquisa são, salvo algumas exceções, igualmente muito precárias, incapazes de abrir para os jovens, novos campos profissionais. (WANDERLEY, 2007, p. 33)

A maior aspiração dos jovens está diretamente relacionada a trabalho e a remuneração, por isso, os atrativos da vida urbana são convidativos, além das alternativas de lazer e estudos. Determinadas escolhas profissionais já demonstram a prioridade pela migração:

[...] dos que pensam em deixar seu local de origem: 33 (28,7%) querem tornar-se empresários, administradores ou abraçar profissões liberais; 21 (18,3%) pretendem trabalhar na educação ou na saúde; 18 (15,7%) querem ser esportistas, modelos ou artistas; 16 (13,9%) desejam seguir um ofício (serviços autônomos). Deste conjunto, 87 jovens (75,7%) não acreditam que possam realizar seu projeto profissional em sua comunidade. (WANDERLEY, 2007, p. 29)

Na nossa pesquisa, destacamos as oportunidades que surgiram para duas jovens, Alice e Pamela, as quais faziam parte do grupo de artesanato, e tiveram que tomar decisões bem diferentes. Alice tem hoje dezoito anos, nasceu em Ibimirim<sup>12</sup>, e morava em Barra do Riachão com a sua família desde os sete anos de idade. Sem ver perspectivas na sua comunidade, ao concluir os seus estudos do ensino médio, decidiu ir passar um tempo, indeterminado, em São Paulo. Como já tinha uma irmã trabalhando nesta cidade, entendeu como uma conveniência de mudar de vida e de arrumar um trabalho. Para ela, naquele momento, foi o mais interessante a fazer. Conversamos com Alice dias antes da sua viagem. Ao falar da sua ida para São Paulo, durante nosso encontro, ela apresentava-se muito nervosa, os seus lábios tremiam, mas ao mudar de assunto, percebíamos que a sua reação também mudava, ficava mais calma. Essa ruptura, com o seu lugar de origem, está diretamente ligada a falta de oportunidade de trabalho e também de continuar estudando.

A segunda jovem, Pamela, demonstrava um grande entusiasmo. Hoje com dezenove anos de idade, solteira, veio de São Paulo com quatro anos de idade. Integra o grupo de artesanato da comunidade, é uma das responsáveis pela divulgação dessa atividade em eventos e feiras. Passou no vestibular pelo ProUni<sup>13</sup> no curso de

---

<sup>12</sup> Situada no Sertão do Moxotó, distante 339 km do Recife.

<sup>13</sup> O Programa Universidade para Todos (ProUni) tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior.  
[http://siteprouni.mec.gov.br/como\\_funciona.html](http://siteprouni.mec.gov.br/como_funciona.html). Acesso em 17.06.2010.



Comunicação Social com Habilitação em Propaganda e Publicidade, de uma faculdade privada na cidade de Caruaru. O fato de estar entrando no curso com um mês e meio de atraso, por causa da burocracia, não tirava a sua empolgação. A integração neste curso universitário possibilitou a sua permanência na comunidade, pelo menos nesse período de faculdade, junto a sua família. Pamela vai poder realizar seus estudos por causa do sistema de seleção do ProUni, ou seja, por causa da efetivação de uma política pública para o setor da educação, voltada para os jovens.

O êxodo dos jovens da comunidade de Barra do Riachão, para outras cidades da mesma região, capitais e grandes centros urbanos, é uma realidade e está presente nas falas das mães e dos próprios jovens que nela permanecem. As nossas jovens estavam juntas no momento da entrevista, como também um tio delas. Este tio pediu a palavra para colocar a sua opinião, sobre a questão da imigração das famílias para São Paulo. Segundo ele:

Agora, dá licença pra eu dizer uma coisa? Mas é como diz a história, São Paulo, já foi São Paulo. É melhor a gente viver uma vez só aqui do que viver duas vezes em São Paulo. Sabia disso? Por que teu pai já foi lá e hoje não é mais. São Paulo é hoje um lugar que o povo mais passa fome, por que quantos têm em São Paulo tudo desempregado, não é? O seguinte é esse. Quanto tempo teu pai passou em São Paulo? [...]  
Agora vou dizer uma coisa: << teu pai lá em São Paulo não conseguiu nada, ele conseguiu alguma coisinha aqui>> Logo por que quando ele chegou aqui, ele tinha um padrinho forte que deu toda cobertura a ele, estás vendo? Foi o único jeito. Não tem esse que teve sucesso, aqui ninguém. (Getúlio)

Esta fala deixou Alice apreensiva e perturbada. Lembramos aqui a teoria de campo de Bourdieu (1996) e os conceitos estruturais, aflorados nessa teoria, quando se evidencia o espaço da família (o campo privado) e a sua inserção no espaço social (o campo público), retratado pela experiência de Alice em outro ambiente, fora do contexto da família, em que receberá influência de um outro lugar, e de outros estilos de vida. A posição que ela irá assumir nesse outro espaço será indicada, diretamente, pela relação do capital econômico e do capital cultural, isto se dá por que:

O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] o capital econômico e o capital cultural. (BOURDIEU, 1996, p. 19)



Mesmo com todos os avanços, na prestação de serviços, através da presença de instituições governamentais e organizações não-governamentais, na inserção de propostas políticas, programas e ações para a juventude rural, além das muitas discussões sobre as ocupações das pessoas nos espaços rurais, vimos, nesta pesquisa, o quanto estamos longe de atingirmos o desenvolvimento desejado desses espaços, de forma que estimule a promoção da satisfação das necessidades dos indivíduos e, assim, a manutenção desses nos seus espaços de origem. Nesse contexto, percebemos o quanto se faz necessário promover mais debates nacionais sobre a juventude rural brasileira.

Alice viajou para São Paulo em abril de 2010, com a perspectiva de voltar em junho deste mesmo ano, mas isto não aconteceu. Atualmente trabalha como atendente em uma lanchonete dentro de um restaurante em São Paulo, com uma carga-horária de onze horas por dia, de terça a domingo. Segundo ela, as três horas a mais no seu horário de trabalho equivalem ao pagamento da sua alimentação diária e alojamento no próprio restaurante, o qual dispõe de uma estrutura que acomoda todos os funcionários.

Após seis meses de carteira assinada, ganhando um pouco mais que um salário mínimo, Alice conseguiu voltar de férias (um recesso de quinze dias) para visitar a família, junto com sua irmã. Voltamos a Barra do Riachão, para conversarmos com ela, em fevereiro de 2011, e vimos que, por enquanto, sua permanência em São Paulo se efetivou, pois demonstra satisfação ao falar do seu emprego e da vida nesta capital. Apesar da carga-horária excessiva de trabalho diário, Alice está deslumbrada com a cidade grande, e o fato de ter um trabalho formalizado contribui para esta conjectura, não fornecendo razões para que ela considere que estar junto da família e, talvez, desenvolvendo um trabalho numa cidade da região ou na própria comunidade lhe garanta uma melhor qualidade de vida (WANDERLEY, 2007).

Já Pamela sentiu muita dificuldade no começo do curso universitário, por ter entrado com um mês e meio de atraso, mas agora, com a sua situação normalizada, está acompanhando todas as atividades de forma satisfatória. Contudo, mesmo cursando uma faculdade, ou seja, uma realização profissional, ela sabe que os desafios pela frente serão muitos, pois, na sua própria família tem uma irmã que concluiu o curso de pedagogia, isso já faz dois anos, e não consegue trabalho, então, ela estuda para fazer concursos, inclusive para outras cidades. Hoje, Pamela estuda e trabalha em Caruaru.

A necessidade de se ter um emprego, ou trabalho, na comunidade é grande, e está presente no discurso de todos os entrevistados. São várias áreas de carência em Barra do Riachão. Contudo, podemos considerar um ponto de partida o investimento na



produção artesanal local. Marizete entende o artesanato como uma ação inicial. Sugere a criação de outros setores de produção, e de uma maior participação da população, o que estimularia, dessa forma, a promoção de melhorias para todos:

O que a gente precisa melhorar é achar um meio de ter emprego pra esses jovens. Ter um trabalho pra esses meninos fazer, porque tem muita gente se formando. Tem muita gente que ainda não está se formando, mais está concluindo, e não tem trabalho. Eu acho que o meio seria a cooperativa. Formar uma cooperativa de artesanato, incluindo os jovens, aí podia ter reciclagem, porque numa cooperativa tem várias coisas. Não só vai ter artesanato, não é? Aí vai existir a área de reciclagem, vai existir embalagem, vai existir um monte de coisa, máquinas... (Marizete)

Em relação à produção artesanal, conversamos com Dona Amara<sup>14</sup>. A sua produção sempre foi rede de pesca, e agora produz peças que são feitas em menos tempo, utiliza menos material e o preço cobrado estimula mais a confecção. Embora, pela sua tradição, ela nos explica que continua confeccionando as redes, indica o local que compra a matéria-prima e onde vende a rede pronta, o seu preço e o tempo de execução da peça. Em relação aos novos produtos, como colar e faixa, considera bom o seu envolvimento:

Faço rede também, quando falta fio aqui, eu compro fio e faço rede, daqueles fios que vendem lá no armazém. E vendo lá no armazém mesmo em Caruaru. Eu vendo por quinze, por treze, catorze. Eu... se eu for fazer mesmo, com uma semana eu faço uma rede. Isso aí é bonzinho, a gente faz as coisas em casa e vai começa um colar, não é? Termina logo. (Dona Amara)

Contudo, o grupo depende muito de parcerias e da participação em feiras. Não existe, além disso, um local apropriado ou representantes para as vendas. Esse fato desestimula algumas participantes. Percebemos que um dos problemas enfrentados pelo grupo é a pouca frequência das vendas, o que implica em baixa remuneração. Como diz Dona Amara: Eu acho bom, né? A gente trabalha devagarzinho, só não é bem bom porque nós custa pegar num dinheirinho, né?! Demora.

Marizete explica que a rede, para a comunidade, tem um grande valor, pela tradição. A técnica sempre foi repassada de geração a geração. Essa tradição se confirma quando ela diz:

---

<sup>14</sup> Dona Amara tem 68 anos, viúva, aposentada, mãe de seis filhos (três moram em São Paulo), é dona de casa, sempre produziu rede de pesca e pulsar, integra o grupo de artesanato da comunidade. Trabalha até hoje na agricultura.



Ah! Eu era pequenininha, acho que eu tinha uns cinco anos, quatro, cinco, eu já nasci dentro disso. Já nasci vendo minha avó, minha tia, minha mãe, todo mundo fazendo.

As pessoas ainda fazem. Ainda continuam fazendo, dez, doze pessoas ainda fazem. Minha mãe mesmo não deixa de fazer. (Marizete)

Contudo, ao perguntarmos se ela continuava confeccionando a rede, disse:

Não. Eu fazia. Eu fazia antes do projeto de Marinalva, eu fazia rede. Antes de ter a Arte Calango, mas agora eu não faço mais não, agora eu faço peça só pro grupo. (Marizete)

Marizete é uma das artesãs mais atuantes e, no momento em que ela afirma não estar mais produzindo este tipo de peça, entendemos que seja por causa da visibilidade que as novas peças lhe dão. Da mesma forma, vemos como uma ação de intervenção influencia as concepções, interesses e ocupações das pessoas nos seus lugares.

Apresentamos, neste artigo, o contexto atual da comunidade de Barra do Riachão. Esta descrição nos permite afirmar que se trata de uma população ainda muito carente, de baixa renda, com a presente força do desemprego, também um intenso movimento de imigração dos jovens, que possui necessidades de melhorias na saúde, na educação, na cultura da agricultura e no saneamento básico. Contudo, as pessoas adoram o seu lugar, tentam sobreviver da arte manual, acreditam nas intervenções e enxergam-nas como oportunidade para a comunidade e, principalmente, para a manutenção dos jovens na sua terra. Vimos que a produção artesanal é apenas um dos processos de produção de Barra do Riachão, o qual precisa passar ainda por melhorias, adquirir estabilidade de grupo, de produção e de mercado.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. ABRAMOVAY, Ricardo (coordenador) In: *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Edições UNESCO, 1998.

ALMEIDA, M. das Graças A. Ataíde. “A Construção da imagem do MST pela imprensa”. In Navaes, A.M. & Barros, H. M. (orgs) *Novas Perspectivas sobre a produção Social da Agricultura do Nordeste*. Recife: APIPSA/UFRPE, 1999.

\_\_\_\_\_. & Pedrosa, C. *Extensão rural cotidiano e ONG: um estudo de caso das mercês Cabo de Santo Agostinho – PE*. Dissertação de Mestrado. PPG-Administração Rural e Comunicação Rural CMARCR-UFRPE, 2000.

BROSE, Markus (organizador). *Participação na Extensão Rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local*. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico: memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papius, 1996.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo e SILVA, José Graziano da. *O Novo Rural: uma abordagem ilustrada*. Londrina: IAPAR, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. *Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1996.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

TAUK SANTOS, Maria Salett. *Comunicação Rural – velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local*. In: LOPES, I.V; FRAU-MEIGS, D; TAUK SANTOS, Maria Salett (Org) *Comunicação e Informação. Identidades e fronteiras*. Intercom. São Paulo/Recife. 2000.

\_\_\_\_\_. *Receptores imaginados: os sentidos do popular*. In: *Anais do XVII Encontro da COMPOS, Grupo de Trabalho Recepção, usos e consumo midiáticos*. São Paulo: UNIP, junho de 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (organizadoras). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?* São Paulo: Perspectiva, 2006.